

## UNIDADE 4 – 17/10/2017

**A REVISÃO DO TEXTO DE CRIANÇAS NO PRIMEIRO CICLO:  
COMO PODE SER?**

Margarida dos Santos\*

*“Diego não conhecia o mar.  
O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar.  
Viajaram para o Sul.  
Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.  
Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia,  
depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos.  
E foi tanta imensidão do mar, e tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.  
E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:  
– Me ajuda a olhar!”. (Eduardo Galeano, 2005)*

O mundo da escrita socialmente aceita é semelhante a um imenso mar de conhecimentos que a criança precisa de ajuda para ver, contemplar, experimentar. Um mar de desafios que os estudantes inexperientes nos usos da linguagem escrita precisam de companhia/mediação para enfrentar. Para OLHAR, precisam de ajuda, quanto mais para mergulhar no mar da linguagem escrita. Mergulhar como quem procura tesouros guardados nas palavras. Descobrir as texturas, as cores, os sons, os movimentos, os sabores, as dores, as alegrias, a graça, a força e o poder das palavras no papel, na escola e em nossa sociedade. Um grande desafio para nós, alfabetizadoras e alfabetizadores.

Diante do exposto, continuarei o texto compartilhando algumas reflexões para pensarmos as possibilidades de investir nas práticas da revisão do texto de crianças no primeiro ciclo do Ensino Fundamental.

No diálogo teórico com alguns autores, entre os quais Morais (1996), encontramos a seguinte afirmação: “As crianças menores ainda não incorporaram a preocupação de revisar os seus textos depois de escrevê-los(...)”. Diante dessa afirmação, nos cabe assumir a responsabilidade de viver com os estudantes práticas reais de revisão nos textos, em textos escritos com a intenção de alcançar leitores reais. Reconhecer a existência de leitores reais de perto e de longe, interessados na leitura de sua palavra, pode contribuir para gerar na criança os primeiros brotos de CUIDADO com os seus textos.

## UNIDADE 4 – 17/10/2017

A afirmação do autor vai na contramão de uma prática muito comum na escola, que ele nomeia de *correção diferida* de textos, quando já estão concluídos. Em seus estudos, o autor defenderá a necessidade de investirmos em práticas de revisão durante o processo da escrita do texto e não após. Ele nos convida a aproveitar o intenso processo de reflexão decorrente da produção textual para realizar as mediações e intervenções necessárias, durante a escrita do texto. Acreditamos que, assim, possamos ajudá-los a descobrir coletivamente a importância e a necessidade de dizer cada vez mais e melhor a sua palavra por escrito, durante a produção dos seus textos. Assim, possivelmente, aprenderam a se voltar para os seus textos a fim de aprimorá-los, por meio da prática da revisão.

No entanto, a escola ainda insiste em realizar práticas de correção que parecem não favorecer a atitude de autocorreção e/ou revisão, por parte dos próprios estudantes. Diante dessa afirmação, mais uma vez, precisamos indagar: no processo de aproximação da escrita convencional, o que privilegiar – a quantidade ou a qualidade das experiências de aprendizagem? O treino ou a reflexão em torno das hipóteses da criança sobre a ortografia das palavras? A capacidade de estranhamento ou a aceitação da norma? O processo de observação da escrita convencional em textos significativos para elas ou a decoreba das convenções?

Antes de prosseguirmos, é preciso continuar indagando: o que temos feito com os textos dos estudantes em nossas escolas? Os estudantes sabem por que escrevem? Eles têm sido consultados sobre a intencionalidade do texto? Sabem quais são os possíveis interlocutores dos seus textos? Têm o direito de escrever o que desejam? Infelizmente, preciso concordar com Smolka quando afirma que:

A escola não trabalha o ser, o constituir-se leitor e escritor. Espera que as crianças se tornem leitoras como resultado do seu ensino. No entanto, a própria prática escolar é a negação da leitura e da escritura como prática dialógica, discursiva e significativa. (SMOLKA, 1998)

**UNIDADE 4 – 17/10/2017**

Considerando o que nos diz a autora, precisamos encorajar nossas crianças, escritores(as) iniciantes, a viver experiências reais e significativas com a linguagem escrita. Essa precisa ser a principal preocupação da professora alfabetizadora, no exercício da docência nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para tanto, é necessário compreender que a “leitura e a escrita deve ser algo de que a criança necessite” (VYGOTSKY). Pensar e viver a prática pautada nessa compreensão pode fazer toda a diferença para a formação de crianças que reconheçam o poder da escrita, encorajando-as a se aproximarem e se apropriarem de conhecimentos que as tornem usuárias competentes-autônomas de sua língua.

(Sabemos que, ao revisar um texto, algumas questões pertinentes à escrita passam a aflorar no processo do aluno: acrescentar, corrigir, dizer de outro jeito, eliminar, substituir, visando à maior compreensão e ao sucesso da interlocução.) Revisar é um procedimento que permite observar melhor o texto, de outro ângulo, tendo em vista que o aprendiz se preocupa com aspectos como o que dizer, como dizer e que palavras usar (TAVARES, 2013, p.134). Assim, o escritor ou escritora iniciante começa a se aproximar e se apropriar da prática de se deslocar do lugar de escritor para o de leitor!

Para o escritor inexperiente, a produção de um texto não é tarefa rápida e fácil; gera uma sobrecarga cognitiva: selecionar e articular ideias, selecionar o tipo de texto para expressá-las e representá-las sob a forma ortograficamente correta. Essa carga de trabalho nos leva a investir no trabalho com a reescrita de histórias conhecidas. Uma decisão firmada na ideia de que a estratégia da reescrita tende a minimizar a sobrecarga. Assim, enquanto reescreve, a criança pode focar a atenção na escolha e ordenação de palavras e letras, segmentação das palavras, acentuação, a utilização da pontuação adequada ou na forma de escrita ortograficamente correta (PADOVAN, 1997, p. 93).

No entanto, tenho aprendido, no exercício da docência, que as situações de escrita que selecionamos podem ou não favorecer o trabalho de aproximar escritores iniciantes dos conhecimentos que circulam durante as práticas de revisão textual. Um facilitador para esse processo de aprendizagem pode ser o investimento na escrita dos textos de autoria.

Acreditamos que o fato de o escritor inexperiente saber por que e para quem está escrevendo mobiliza a aquisição dos saberes necessários para a produção escrita. Tal clareza tende a gerar a necessidade de expressar cada vez melhor suas ideias, saberes, sentimentos. Concordamos com Vygotsky (1984) que a necessidade seja terreno fértil para aproximação e apropriação dos conhecimentos da escrita convencional.

**UNIDADE 4 – 17/10/2017**

Parece importante reconhecer a existência de diferentes encaminhamentos para a revisão textual. No entanto, precisamos ter clareza de nossa intenção ao escolher esta ou aquela estratégia de revisão. Reconhecer que as práticas de revisão podem se constituir em momentos preciosos para as crianças que estão aprendendo a fazer uso da linguagem escrita é fundamental. O reconhecimento da existência de uma norma socialmente aceita, precisa se revelar em nosso trabalho com as crianças. Elas precisam compreender a norma como uma possibilidade de sua palavra escrita circular em diferentes contextos.

Sendo assim, não basta afirmar a existência de uma escrita socialmente aceita, como tem feito a escola hegemonicamente. As experiências são as mais diversas e podem variar de um jogo engraçado de escrever uma palavra de diferentes maneiras até a apresentação formal de um dicionário. Nesse processo de apropriação se torna indispensável: desafiar nossas crianças a perguntarem sobre a melhor forma de dizer, dependendo da necessidade do interlocutor. Melhor do que ensiná-las apenas a decorar a escrita correta das palavras é encorajá-las a revelarem suas dúvidas ortográficas e a expressarem suas hipóteses sobre a escrita correta durante a produção dos seus textos.

Outra possibilidade do trabalho de revisão bastante promissora são as rodas de apreciação do texto do outro. Para os escritores iniciantes parece ser mais fácil estranhar o texto alheio e, dependendo da forma como o(a) professor(a) conduz a prática, esse tipo de experiência pode se tornar valiosa, porque permite às crianças colocar em jogo seus conhecimentos e desconhecimentos em torno das convenções da língua. Essa prática envolve colaboração mútua, respeito aos diferentes saberes, entre outros aspectos. No entanto, sabemos que esses aspectos, de fundamental importância para a formação das crianças, raramente são considerados na escola.

Desejamos que TODAS as crianças, especialmente os filhos e filhas da classe trabalhadora, tenham a oportunidade de viver corajosamente e felizes a experiência de desvendar os segredos da linguagem escrita, a ponto de se beneficiarem desse encontro, no chão da escola. Mas esse é um desafio que nós, professoras e professores da alfabetização, precisamos enfrentar.

*\*Professora do CAP-Iserj e do CAP-Uerj*

### Bibliografia

GALEANO, Eduardo. O livro dos abraços.

MORAIS, Arthur Gomes. Escrever como deve ser. In: TEBEROSKY, Ana; TOLCHINSKY, Liliane. Além da alfabetização: a aprendizagem fonológica, ortográfica, textual e matemática. São Paulo: Ática, 1996.

PADOVAN, Daniela. Intervenções do professor em uma escrita de autoria. In: CAVALCANTE, Zélia (Org.). Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SANTOS, Margarida. Aprendendo a ensinar com alunos marcados pelo fracasso escolar alinhavando retalhos da caminhada... Niterói, RJ. Dissertação de Mestrado, UFF, 2004.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo. Campinas: Editora Unicamp, 1996.

TAVARES, Solange Pinto. A revisão de textos por alunos do nono ano do Ensino Fundamental. In: GOULART, Cecília Maria; WILSON, Victoria (Orgs.). Aprender a escrita, aprender com a escrita. São Paulo: Summus, 2013.

VYGOTSKY, Lev Semyonovitch. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.